

Feios, porcos e maus

Os «Desencantados» de Ricardo Paula são perversos: só sabem ofender e barafustar. No cinema, seriam personagens de Ettore Scola, retratos sórdidos da condição humana. Pode vê-los até domingo, em Loures

Texto José Mário Silva

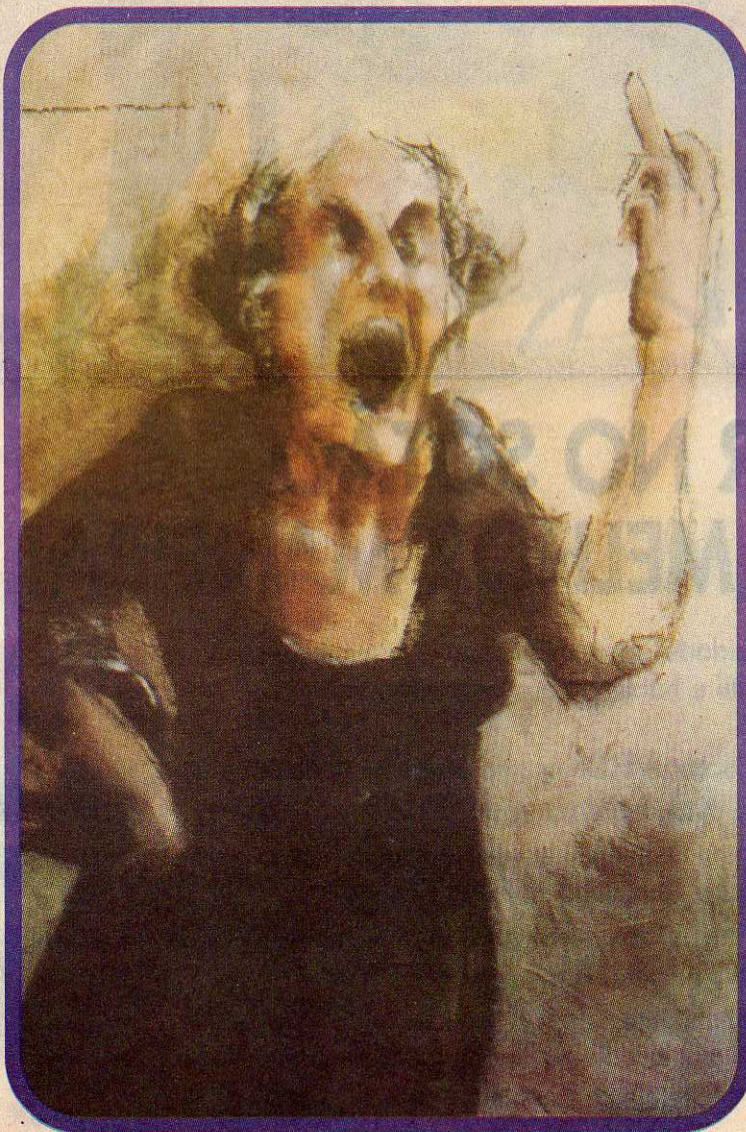
Centro Cultural da Malaposta

De 2.ª a 6.ª, das 9 e 30 às 22 horas; sáb. e dom., das 14 e 30 às 22 horas

Eles andam por todo o lado: nas ruas, nos jardins públicos, nas repartições de finanças, nas auto-estradas e até, ou sobretudo, nos corredores do Centro Comercial Colombo. São antipáticos, mal encarados, rabujentos, brutos. Insultam a torto e a direito, falam alto nos restaurantes, pisam e empurram sem pedir desculpa, nunca respeitam as bichas, cospem no chão, alguns até batem na avó. São os cidadãos-pimba, abúlicos e teledependentes, bárbaros e incivilizados, novos Hunos que substituíram os cavalos por automóveis e colocaram a pulsão consumista no lugar de Átila.

Conhecemos vagamente a origem deste fenómeno. Há o desemprego, os grandes interesses contra os interesses dos pequenos, as perspectivas sombrias quanto ao futuro, uma luta sem tréguas pelos escassos lugares ao sol, a decadência das ideologias, a crise dos valores. Há tudo isso e muito mais. O suficiente para escrever mil tratados e exigir outras tantas reformas da sociedade contemporânea.

Mas não é das razões que conduziram ao actual estado das coisas – sejam elas sociais, económicas ou outras – que desejo falar agora. Interessa-me apenas lembrar que há cada vez mais pessoas como as que descrevi no primeiro parágrafo. Basta sair à rua ou andar de metro para constatar a realidade. E o pior é que



«A IRA». Ao retratar sentimentos baixos, Ricardo Paula não se escuda em eufemismos

corremos o risco, todos nós, de nos tornarmos iguais a eles. As fronteiras, no que toca à natureza humana, são sempre muito frágeis.

Atento ao mundo, Ricardo Paula decidiu trazer para as suas telas estes homens e mulheres nada exemplares. Foi uma opção corajosa, é preciso dizê-lo. Se quisesse, o artista poderia manter à distância a impureza e a fealdade. Poderia escolher o porto seguro da abstracção ou a beleza estática das naturezas mortas – as galerias estão cheias disso. Poderia proteger-se do que fere e magoa, deixar as misérias bem longe do seu estúdio, da sua torre de marfim. Mas não o fez. Convocou a sujidade, o lado escuro das coisas, as atmosferas malsãs. Mostrou o que está escondido por baixo de um verniz sempre prestes a estalar: ódios, raivas, invejas, perfídias.

Aos seus personagens, decidiu atribuir um adjectivo. «Desencantados». E em todos eles existe, de facto, a marca do desencanto. Como se tivessem abdicado para sempre da esperança. Como se já nada os pudesse salvar. Repare-se, por exemplo, na tristeza e resignação de quem aguarda não se sabe o quê («Relato de um Domingo») ou na volúpia mórbida das comadres, descobrindo os contornos da fatalidade em todas as desgraças alheias («Coitadinho»). Estas figuras suspenderam a vontade própria. Deixaram o curso das suas existências nas mãos de Deus ou do destino.

Contudo, nem todos amocham. Alguns tentam reagir. Quer pela violência («A Ira»), quer pelo cinismo

(«Estúpida, ele não presta»). Quer, ainda, por uma falsa valentia («Agarrem-me...»). Nuns casos como outros, o que vemos são instintos primários, sordidez. Não espanta, por isso, que Ricardo Paula represente este universo grotesco (tão próximo de certos filmes de Ettore Scola...) envolto numa espécie de névoa acastanhada, cor de poluição. Nestes quadros, como em certos bairros, em certas casas e em certas vidas, é impossível respirar.

Obras mais amenas, como as três telas de formato circular («O Pão», «O Vinho» e «A Bolota») ou o diptico «Testemunhas do Vento», não quebram a unidade estabelecida desde o início pela galeria de personagens rascas. Até porque há uma correspondência entre esses personagens e as últimas telas. Depois da enumeração dos vícios, o arrependimento. Aliás, não é por acaso, estamos certos, que a mostra fecha com «Assim como nós perdoamos», um painel que retrata Jesus Cristo, figura divina e redentora, a sofrer na cruz pela salvação dos outros.

Ricardo Paula, pintor que consegue manter um formidável ritmo de trabalho sem nunca sacrificar a qualidade plástica dos seus quadros, inaugura hoje à tarde, às 19 horas, uma nova exposição. Intitula-se «Eclipse Azul» e estará patente, até 5 de Dezembro, na galeria Movimento Arte Contemporânea (que lhe atribuiu, em 1997, o seu troféu de prestígio). A temática e o estilo nada têm a ver com estes «Desencantados», mas disso daremos conta numa das próximas semanas.